



Ministério da Educação
Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas



MESTRADO EM ARTES CÊNICAS

PLANO DE AULA

(Semestre Letivo 2022.1)

Disciplina ART 017

Curso: **Dramaturgia, modos de (des) subjetivação e epistemologias decoloniais**

Professor: Paulo Maciel e Stephan Baumgärten

Linha de Pesquisa: 1 – Estética, crítica e história das artes cênicas

Carga Horária: 60h (teórica)

Créditos: 4

Dia/horário: Terça-feira de 14:00 às 17:30

EMENTA

A disciplina visa o estudo dos procedimentos metodológicos e a reflexão sobre teorias e conceitos fundamentais à pesquisa em estética, crítica e história das artes cênicas.

Apresentação

O curso objetiva discutir e refletir sobre as relações possíveis entre modos de (des) subjetivação, decolonialidade e dramaturgia, partindo de um corpus de estudo capaz de constituir um olhar comparativo sobre a questão. Olhar que compreende como as diferentes instâncias da existência teatral da dramaturgia se relacionam nesse contexto, isto é, a dramaturgia deve ser pensada aqui para além de sua fixação num determinado suporte ou meio, ou, tomando o caminho de interpretação a partir da autoria de um único agente, pois, nela tudo se encontra em litígio enquanto elemento de ligação entre autor e leitor, autor e encenador; texto e cena; personagem, ator e espectador; palco e plateia; dispositivos estéticos e sociais; portanto, como algo que se constitui mais amplamente no âmbito dessas relações de força.



Ministério da Educação
Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas



Isso quer dizer que seu sentido é negociado a partir de suas margens, se deslocando, continuamente, entre a página e o palco, a leitura e a escrita, a vida e a arte, o espetáculo e o espectador. Desta forma, os modos de (des) subjetivação no âmbito da dramaturgia não se encontram presos ao texto, escondidos em suas entrelinhas, ou em algum outro lugar misterioso do palco. Antes, são efeitos dessas diferentes relações tal como se constituem no campo cênico como um espaço cindido entre dentro e fora do âmbito estético-ficcional.

Por outro lado, relações de força e de poder não deixam de se configurar entre as partes, logo, a discussão sobre os modos de (des) subjetivação proposta se distancia da noção de subjetividade autônoma enquanto forma dominante do self europeu burguês moderno que, ao ser exportada para os países latino-americanos, levou à cosmética racial e sexual praticada pela dramaturgia do continente no século XIX.

Numa direção distinta ao avanço da cultura burguesa e do self imperial caminha a reflexão de Jameson sobre o problema, pois, busca situar a questão no âmbito da obra testemunhal e observar de que maneira se comporta nesse novo cenário, especialmente no caso latino-americano. Diferente da narrativa centrada no indivíduo, em seu processo de crescimento ou formação, não raramente, a literatura do continente teria se voltado para dar testemunho de uma existência coletiva ou comunal prescindindo, muitas vezes, do realismo e do modernismo europeu. Dessa forma, a literatura surge não como depósito de uma interioridade, mas como textualidade em cujo interior se articulam relações de forças que configuram mais modos de subjetivação e dispositivos sociais, ou seja, figurações de um limite que define tanto um dentro quanto um fora desses modos de subjetivação e socialização. Isso vale ainda mais a dramaturgia enquanto realização cênica coletiva em contextos sempre concretos e situada na realidade empírica dos artistas.

Questão que nos aproxima do terceiro termo do curso: a decolonialidade. De que modo ela tem sido pensada e praticada pela dramaturgia e quais são as principais perspectivas dramáticas acerca da (des) subjetivação nesse cenário? De que maneira, a dramaturgia latino-americana e europeia tem procurado constituir, através de seus



trabalhos, uma visão particular dos modos de (des) subjetivação e de seus efeitos ou desdobramentos ao longo do tempo e do espaço?

Esperamos que a oferta do curso contribua para elaborar uma terminologia mais precisa acerca da validade e do alcance dos modos de (des) subjetivação em relação ao conceito decolonial enquanto abordagens capazes de tratar das dramaturgias que visam, justamente, se distanciar do eurocentrismo e dos equipamentos psíquicos, morais e religiosos presentes neste universo buscando, por sua vez, vias distintas e alternativas de tratar das relações entre palco e plateia, personagem, ator e espectador, distantes daquelas informadas desde o drama do século XIX.

A questão que se coloca aqui é até que ponto e em que sentido essas novas formas articulam uma lógica que se submete à novas formas do capitalismo atual e como essas novas formas interagem com temáticas enunciadas com claro viés decolonial. Levando em conta, nessa discussão da subjetividade praticada e posta pela dramaturgia, as dimensões de pertencimento ou de identidade que, durante muito tempo, foram negligenciadas pelo debate em função da universalidade alegada pelo self dominante as custas, é claro, da discriminação e ou da classificação ambivalente do outro efetuada a partir de seus predicados e em razão das diferenças de classe, de raça e de sexo. Nesse percurso de estudo, leitura e discussão visamos, antes de tudo, circunscrever as respostas dadas ao problema pela dramaturgia acerca das relações entre modos de (des) subjetivação e decolonialidade.

Estrutura

O curso está estruturado ao redor de dois grandes eixos temáticos. O primeiro diz respeito aos modos de (des-)subjetivação em sua relação com perspectivas chamadas eurocêntricas e outras decoloniais. O segundo trata do surgimento dessas questões em diversas dramaturgias textuais (e cênicas), analisando esse surgimento em nível temático e estrutural em textos de origem europeia, mestiça, afro-brasileira e ameríndia. Os dois eixos se entrelaçam e cruzam constantemente, embora que haja num primeiro momento um enfoque mais na fundamentação conceitual e num segundo



momento uma ênfase maior na análise das dramaturgias. Concretamente, se traduz na seguinte estrutura da disciplina, com carga horária de 60h (4h semanais):

Módulo 1: Modos de (des)subjetivação eurocêntricos: afirmações e críticas (12h)

Nesse módulo será apresentada e discutida, após uma breve aula introdutória, a noção do olhar eurocêntrico, suas características e sua pertinência perante a variedade de manifestações artísticas europeias e o fato histórico de que os gêneros poéticos e essas estruturas estéticas fizeram parte da expansão colonial (imperial e burguesa) para o Brasil e a América Latina. A reflexão teórica será acompanhada da discussão de textos teatrais que tratam da questão da colonização, das estruturas de poder colonial e de seu desmoronamento e de sua transformação a partir da perspectiva de autores europeus.

Módulo 2: Modos de (des)subjetivação pós-coloniais e decoloniais, com ênfase na América Latina e o Brasil I (20h)

Partindo da problemática dos modos de subjetivação na América Latina e no Brasil, tal como se apresentam para a população chegada voluntariamente ou trazida à força, iniciamos nesse módulo a discussão das proposições de um pensamento pós- e decolonial, as diferenças entre eles e os desafios que colocam para a construção estética de uma dramaturgia decolonial e de que maneira instaura um cenário (estamos usando o conceito de cenário tomado de empréstimo de Frantz Fanon, 2008) para a emergência de subjetividades decoloniais. Para tanto, vamos partir de um conjunto significativo de textos teatrais que, segundo pensamos, permitem rastrear ou identificar traços e contornos de uma leitura-escrita decolonial, sobretudo, a partir de lugares de enunciação discursivos que podemos entender como “mestiços” ou “sincréticos”, ou seja, ocupados por uma elite intelectual e artística que busca estabelecer uma dramaturgia no continente mesclando sua vivência local com a cultura de sua origem europeia. Analisaremos os modos de composição ficcional e retórica, suas maneiras de configurar com esses modos processos de (des)subjetivação, e discutimos como esses procedimentos interagem com seu contexto histórico-cultural e político.



Módulo 3: Modos de (des)subjetivação pós-coloniais e decoloniais, com ênfase na América Latina e o Brasil II (xxh)

Nesse módulo, discutiremos a epistemologia decolonial e os diferentes modos como ela se apresenta configurada em textos teatrais brasileiros e latino-americanos, aprofundando as discussões iniciadas no módulo I. Discutiremos diversos textos teatrais que, a nosso ver, permitem uma discussão das possibilidades de uma escrita decolonial a partir de lugares de enunciação discursivos que podemos entender como decoloniais. Neste sentido, lugares ocupados por autores que entendem sua escrita como negra ou ameríndia constituindo um outro cenário latino-americano atravessado por traços de formas e práticas vinculadas às culturas negras e ameríndias. Analisaremos os modos de composição ficcional e retórica, suas maneiras de configurar com esses modos processos de (des)subjetivação, e discutimos como esses procedimentos interagem com seu contexto histórico-cultural e político.

BIBLIOGRAFIA

Básica

CASTRO-GOMEZ, Santiago y GROSFUGUEL, Ramón (org.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. – Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

DUARTE, Andreia & TERENA, Naine. *Teatro e os povos indígenas*. Janelas abertas para a possibilidade. São Paulo: N-1 Edições, 2021. edição online disponível em <https://www.n-1edicoes.org/teatro-e-os-povos-indigenas>

DUSSEL, Enrique et. al. *El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y "latino" [1300 – 2000]* – História, Corrientes, Temas, Filósofos. Ciudad de México: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

MIGNOLO, Walter D., *Desobediência Epistêmica: A opção decolonial e o significado de identidade em política*. Trad. Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008

Complementar:

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.



JAMESON, Fredric. *Espaço e Imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios*. Ana Lúcia de Almeida Gazzola (org). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SHOHAT, Ella & STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica. Multiculturalismo e representação*. Trad. Marcos Soares, São Paulo: Cosac&Naify, 2006.

Textos teatrais:

SALABERG, Jhonny. *Buraquinhos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018.

---. *Parto Pavilhão*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SALABERG, Jhonny & Carcaça de Poéticas Negras. *Mato cheio*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

VINAVER, Michel. *Procura por Emprego*. São Paulo:

MÜLLER, Heiner. *A Missão*. Em: MÜLLER, Heiner. *Quatro textos para teatro: Mauser, Hamlet-Máquina, A Missão, Quarteto*. Trad. Fernando Peixoto. São Paulo: Hucitec, 1987.

KOLTÉS, Bernard-Marie. *Combate de Negros e Cães*. Em: "Teatro de Bernard-Marie Koltès" São Paulo: Hucitec, 1995.

URZÚA, David Arancibia. *Ñuke*. Santiago de Chile: Andros Ltda. e Consejo Nacional de la Cultura y las Artes, 2013.

MADSON, Francis. *Alice Músculo*. Manuscrito não-publicado.

NYN, João. *Tybyba*. São Paulo: Selo do Burro, 2020.

PASSO, Grace. *Vaga Carne*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018.

LIMA, Eugenio & LUDEMIR, Julio (org.). *Dramaturgia Negra*. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

BUARQUE, Chico, Guerra, Rui. *Calabar: elogio da traição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.